

## O SISTEMA DE ESCRITA ORTOGRÁFICO

### E OS PROBLEMAS PARA A AQUISIÇÃO DE ESCRITA DELE DECORRENTES

*Renata Christina Vieira<sup>1</sup>*

*Resumo: Este artigo é parte de uma dissertação de mestrado que tem por objeto de estudo as dificuldades ortográficas de alunos das primeiras séries de uma escola pública do Rio de Janeiro. Com base em MASSINI-CAGLIARI & CAGLIARI [2001], KATO [2005], LEMLE [2004], CÂMARA JR. [1986] e SIMÕES [2005], pretendemos explicitar as características do sistema fonográfico alfabético ortográfico, que é o sistema de escrita utilizado na língua portuguesa, para, assim, demonstrarmos suas peculiaridades, tornando claros sua natureza e os motivos que dificultam a aquisição do mesmo. Temos por objetivo, devido a nossa formação em Fonoaudiologia, demonstrar que não apenas as crianças que com patologias de ordem lingüística apresentam dificuldades nesta aquisição, mas que todas as crianças podem apresentar dúvidas, em maior ou menor grau, em decorrência da natureza do nosso sistema ortográfico.*

A escrita alfabética pode ser dividida em dois tipos: o que não se baseia na ortografia e o que se baseia. Entre os tipos de escrita alfabética não baseados na ortografia, consideramos importante distinguir dois: um utilizado no meio científico; e outro que corresponde a uma hipótese sobre a natureza da escrita que as crianças costumam formar antes da aquisição plena da escrita ortográfica. Assim, faremos uma diferenciação entre os dois, nomeando-os respectivamente de: escrita fonética científica e escrita fonética acrofônica.

A **escrita fonética científica** é utilizada em pesquisas lingüísticas, por isso a tratamos por “científica”. Há na verdade dois subtipos de escrita fonética científica, a fonológica, que representa os fonemas da língua, e a fonética propriamente dita, que representa os fonemas realmente pronunciados e é usada com o objetivo de transcrever da maneira mais fiel possível as pronúncias dos diferentes dialetos existentes. Nos dois casos utiliza-se o Alfabeto Internacional de Fonética, estabelecido em 1888 e depois aperfeiçoado por Daniel Jones. De acordo com CAGLIARI [2001:181a]: “... os lingüistas inventaram o alfabeto fonético no qual uma letra representa apenas e sempre um único som, e há tantas letras quantas forem necessárias para representar todas as consoantes e vogais de todas as línguas do mundo ou que uma pessoa possa articular”.

Para explicitarmos o conceito de **escrita alfabética acrofônica** se faz necessário definirmos princípio acrofônico. O princípio acrofônico se estabeleceu de uma maneira inicial entre os fenícios, quando, ao representarem listas de palavras, relacionaram o primeiro som de um certo conjunto de palavras escolhidas a um símbolo, criando um alfabeto que era consonantal. O primeiro nome da lista, *alef*, significava boi; seu primeiro som era a oclusiva glotal, para a qual foi escolhido um hieroglifo egípcio semelhante à cabeça de um boi, que nos lembra um A invertido; ou seja, as letras eram motivadas pelas imagens do objeto designado pela

---

<sup>1</sup> Orientadora: Professora Doutora Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos.

palavra. A segunda palavra da lista, *beth*, iniciado pela oclusiva bilabial sonora, significava casa. O mesmo procedimento foi adotado. Em resumo, sabendo o nome da letra, sabemos a palavra correspondente, e podemos identificar o som que a inicia, que é o representado pela letra; está estabelecido o princípio acrofônico, embora ainda com motivação da forma da letra no significado da palavra.

Os gregos adaptaram o alfabeto fenício utilizando o mesmo princípio, escolhendo palavras gregas em vez de palavras fenícias; dessa forma, *alef* passou a ser *alfa* e *beth*, *beta*, dando origem ao alfabeto grego. É com os romanos que o sistema deixou de lado completamente os resquícios de ideografia que ainda havia até então, e as letras passaram a corresponder apenas a um dado som, sem ligação com nenhuma palavra específica. Os romanos modificaram o nome das letras: assim, *alfa* transformou-se em *a*, a letra grega *beta* passou a se chamar *b* e o alfabeto ficou mais próximo do que utilizamos atualmente, ou seja, o início do nome de cada letra é o som que a mesma representa<sup>2</sup>.

Para CAGLIARI [2001b:104]: “*O Princípio Acrofônico é a chave da decifração das letras do alfabeto mas, como nosso sistema de escrita tem a ortografia além do alfabeto, esse princípio serve apenas como indicador de um dos possíveis sons das letras*” O autor também aponta o uso do princípio acrofônico nas cartilhas escolares:

*As cartilhas usam um tipo de princípio acrofônico para alfabetizar, ou seja, o Bá, Bé, Bi, Bó, Bu, etc. a maioria dos professores também usam o mesmo recurso como ferramenta principal do ensino da leitura e escrita.(...) Acontece, porém, que não basta lidar com o princípio acrofônico, (...) ele é um bom ponto de partida, mas não é o ponto de chegada, como as cartilhas e alguns estudiosos acham. [CAGLIARI 2001c:146].*

Em consequência disso, o princípio exposto acaba por trazer dificuldades na aquisição da escrita, tanto na decodificação quanto na transcrição, já que nossa ortografia não se baseia somente em relações desse tipo. O princípio acrofônico pode levar o aluno que está em fase de alfabetização a acreditar que só existam relações biunívocas entre letras e sons, e é fundamental que o aluno seja exposto desde o início a outros tipos de relações entre sons e letras para que essas dificuldades não sejam fortalecidas. Sobre a questão, diz Cagliari:

*Para uma criança que vai aprender a escrever, qualquer coisa é difícil, e a motivação para se preferir uma palavra à outra ou a escrita de uma letra a outra não se justifica em termos lingüísticos, mas com base em critérios e interesses da criança. Certamente, há palavras mais fáceis e mais difíceis do ponto de vista dos métodos. Se se adota um método silábico, palavras com a estrutura CV (consoante + vogal) são mais simples do que palavras com sílabas do tipo CCVCC (por exemplo trens). Se, em vez disso, a criança parte do alfabeto, palavras curtas (por exemplo trens) são mais fáceis do que palavras longas (por exemplo matemática) – mesmo que estas palavras longas só tenham sílabas do tipo CV. A dificuldade está nos métodos e não na ação de quem*

---

<sup>2</sup> Na recitação do alfabeto utilizada atualmente no Rio de Janeiro, há várias letras cujos nomes não começam com os sons que elas representam principalmente, embora tais sons façam parte dos seus nomes: por exemplo as letras F, M, N, R e S; o caso do H é ainda mais interessante, porque a letra não corresponde a nenhum som.

*aprende. Por isso, não vejo como se pode dizer que escrever uma palavra como peixe constitui uma atividade mais complexa, mais difícil do que escrever pata ou casa, para quem está aprendendo a escrever. [CAGLIARI 2001: 71-72].*

ABAURRE [1986:35] nos mostra que a escola muitas vezes desconhece uma maneira adequada de conduzir os alunos na construção de hipóteses sobre a escrita e, em decorrência disso, acaba estimulando a produção de textos baseados apenas no vocabulário das cartilhas, o que causa dificuldade na aquisição dos princípios de textualidade. A autora nos dá como exemplo um texto de aluno de primeira série, que considero importante transcrever para clarificar o quanto a escrita de uma criança pode ser influenciada por uma falha pedagógica desse tipo:

*Dadá dá na macaca.  
A macaca da mata é má.  
O dado é da Dadá.  
A macaca dá na pata.  
Naná dá na macaca.  
A pata nada.  
Esta casa é da Zazá.*[ABAURRE 1986: 35].

## **1) O Sistema Alfabético Ortográfico**

O dicionário Houaiss define ortografia como: *“conjunto de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras, o uso de sinais gráficos que destacam vogais tônicas, abertas ou fechadas, processos fonológicos como a crase, os sinais de pontuação esclarecedores de funções sintáticas da língua e motivados por tais funções, etc”* [HOUAISS: 2001].

Com a criação da ortografia, o sistema de escrita alfabético encontrou um ponto de equilíbrio entre o ideográfico e o fonográfico, já que a escrita passa a se basear não apenas na imagem acústica da palavra, mas na imagem visual que temos da escrita. CAGLIARI [2001c:150] diz: *“O sistema alfabético só funciona quando perde a sua natureza fonética e passa a ser interpretado como um compromisso com o sistema ideográfico”*. Isso porque, quando o aluno ainda não adquiriu proficiência na leitura e na escrita, as palavras são vistas como segmentos fonéticos que, unidos, nos remetem a significados, mas, quando o aluno já está alfabetizado, ele consegue, a partir da imagem visual da palavra como um todo, chegar ao seu conceito. Por isso podemos dizer que a escrita ortográfica possui um aspecto ideográfico, pois a imagem visual da palavra também nos remete ao significado dela, e não apenas aos segmentos fonéticos que a compõem. Sobre isso, diz CÂMARA JR. [1986:81]: *“A forma visual que a palavra assim assume concorre para fazer-nos reconhecê-la e auxilia a evocação dos seus sons ou fonemas”*.

É necessário pensar nos motivos que tornam a ortografia necessária. Vemos principal-

mente dois: a variação lingüística; e decisões baseadas em critérios etimológicos. Devido à variação lingüística, o modo de produção oral de uma palavra pode ser realizado de distintas maneiras, de acordo com o tempo e o lugar em que é realizado. O tempo é um fator determinante para a variação lingüística, pois, devido à natureza rápida que a fala possui em virtude do seu fluxo contínuo, existe a tendência de, com o passar do tempo, ocorrerem processos fonológicos que causam mudanças na língua em sua modalidade oral. O espaço físico e social onde a fala é produzida também é determinante para a variação lingüística. As mudanças ocorridas devido ao fator tempo ocorrem de maneiras diversas de acordo com o lugar e a comunidade de falantes.

Para evitar os efeitos da variação lingüística, foi inventada a ortografia, que é utilizada em todas as línguas de cultura. A ortografia sistematiza a maneira de escrever cada palavra da língua; assim, as palavras possuem diversas formas de produção oral, mas apenas uma maneira de produção escrita. Se todas as formas variantes fossem escritas foneticamente, haveria na mesma língua várias representações gráficas de uma mesma palavra:

*Na verdade, o que acontece é que as formas ortográficas não representam a fala de ninguém – sua função é, basicamente, anular a variação lingüística no nível da palavra. Portanto, eu posso falar “BAUDGI”, meu vizinho “BAUDI”, um conhecido “BARDGI”, e um amigo do Sul, “BALDE”, mas todos escrevemos “BALDE”, não porque esta forma representa uma “pronúncia correta” (o que não é verdade), mas porque houve um consenso, na sociedade, de que todos devem escrever esta palavra assim. Não adianta ficar se perguntando o porquê de se ter escolhido esta forma e não outra (por exemplo, “BAUDE”), já que esta escolha esbarra em questões históricas, que nos escapam com o passar dos anos [MASSINI-CAGLIARI, 2001: 124].*

Diz KATO [2005:19]: “A língua oral muda e a escrita é conservadora, o que acarreta um afastamento gradativo entre as duas”. A fala é atualizada a cada dia pelos falantes, enquanto a escrita se mantém inalterada devido às convenções de natureza ortográfica, não acompanhando a evolução da língua falada e criando um distanciamento entre fala e escrita. Além disso, cada comunidade de falantes utiliza uma variação lingüística na fala, diferenciando ainda mais a sua fala da escrita, que continua sendo a mesma para todas as comunidades de falantes de uma determinada língua.

Adicionalmente aos efeitos da variação lingüística, há também, enquanto fatores complicadores adicionais para que se possa basear o uso da escrita apenas segundo a forma oral das palavras, decisões de instâncias normatizadoras que definem a ortografia das palavras segundo a sua origem etimológica, às vezes atribuindo letras diversas aos mesmos sons.

Para exemplificarmos melhor a diferença entre a fala e a escrita alfabética ortográfica que ocorre nas línguas, podemos observar a língua inglesa. Ao compararmos o inglês falado e escrito, percebemos uma grande diferença entre as duas modalidades. Sobre esta questão, KATO [Op. Cit:17] exemplifica com as palavras do inglês *thorough*, *through* e *cough* que, a-

pesar de serem escritas com final igual, possuem pronúncias distintas. A autora explica da seguinte forma: “Embora a primeira intenção tenha sido talvez a de fazer um alfabeto de natureza fonética, o fato de toda língua mudar, ter diferenças dialetais e variações estilísticas que afetam a pronúncia impediu que a escrita alfabética pudesse ter uma natureza estritamente fonética”.

## 2) A Ortografia do Português

CÂMARA JR. [1986:81] cita dois tipos de critérios possíveis para o sistema ortográfico: o primeiro tipo é um sistema flexível que apenas estabelece as bases da ortografia; o segundo tipo é um sistema mais rigoroso e estabelecido pelo governo. No Brasil, a ortografia era flexível até 1931; após esta data, foi adotado um critério mais rigoroso e de acordo com o utilizado pelo governo português.

A ortografia brasileira atual está baseada na reforma ortográfica ocorrida em 1943. Em 1945 foi realizada uma nova reforma ortográfica, que foi seguida apenas por Portugal. Foi feita uma nova reforma ortográfica parcial em comum entre os dois países em 1971, que retirou o chamado acento diferencial.

Com a reforma ortográfica de 1931, as letras *w, k* e *y* foram descartadas do alfabeto, sendo usadas somente em alguns casos, como de nomes próprios estrangeiros. A letra *k* foi substituída pelo *c* com as vogais *a, o* e *u* e pelo *qu* com as vogais *e* e *i*, como na palavra *quilo*. Ainda encontramos o *k* em fórmulas como em *Km* e *Kg*. Foram simplificadas as letras dobradas *pp, ff, tt, ll, mm, nn*, que tinham sido herdadas da escrita do latim, como nas palavras *sílabas*, que antes da reforma era grafada *syllaba*; e *difere*, antes grafada *differe*. Também simplificou-se o *sc* em início de palavra, e passou a ser utilizado apenas o *c*, como na palavra *ciência*, que passou a ser grafada *ciência*. As letras dobradas *ss* foram mantidas entre vogais para diferenciar o uso da letra *s* com som de *z* nesse contexto. Também foi mantido o grupo *rr* distinto do *r* simples, já que esses dois usos representam dois fonemas diferentes do Português.

Houve também outros tipos de eliminações de letras. A letra *h* foi eliminada como segundo elemento do par de consoantes no *ph, th* e *ch*, como em *orthographia*, que passou a *ortografia*, *chrystal*, que passou a *crystal*, e *sepulchro*, que passou a *sepulcro*. Essa letra se manteve, no entanto, nos dígrafos *nh, lh* e *ch*, os dois primeiros correspondentes a fonemas do Português para os quais não há uma letra correspondente.

Embora não seja mais uma ortografia propriamente etimológica, a ortografia do português procura respeitar a etimologia da palavra para selecionar as letras que podem ser utilizadas nos mesmos contextos com o mesmo som. Assim, segundo nos diz CÂMARA JR. [Op. Cit:

p. 85], as representações que vários fonemas do Português recebem na ortografia atual dependem do modo como as origens latinas das palavras que os contêm eram grafadas em latim.

No caso do fonema /s/, se na forma latina da palavra eram usadas as letras *c* ou *t*<sup>3</sup>, em português ele será grafado com a letra *c* (ou *z* se for em fim de palavra), como por exemplo na palavra *vez*, oriunda do latim *vice*; já se a forma latina usava as letras *s* ou *x*, em português será grafado com a letra *s*, como em *ânsia*, do latim *anxia*.

Para a representação do fonema /z/ entre vogais, se nas palavras latinas ele (ou o fonema ou conjunto de fonemas de que se origina) era representado por *c*, *t*, *d* ou *z*, em português será grafado com *z*, como na palavra *trezentos*, oriunda do latim *trecentos*. Já as palavras que eram grafadas com *s* em latim mantêm o *s* no português, como é o caso de *presa*, em latim *prensa*.

Para o uso do *ch* ou *x*, devemos observar se, no latim, a palavra era grafada com *cl*, *pl*, *fl*: nesses casos usa-se *ch* em português, como na palavra *chave*, originada da palavra latina *claven*. Já quando a palavra latina de que a palavra com o fonema /x<sup>4</sup>/ do português se origina é grafada com o uso de *x*, *s*, ou *sc*, usa-se a letra *x* para representar esse fonema, como em *luxo*, do latim *luxu*.

Para o uso de *g* ou *j* diante de *e* e *i*, palavras grafadas com *g* em latim são escritas em português com *g*, e as grafadas com *j* ou *di* em latim são escritas em português com *j*, como nos exemplos: *angélico* (*angelicum* em latim); *majestade* (*majestatem* em latim); e *hoje* (do latim *hodie*).

Na mesma obra, Câmara Jr. ainda nos esclarece que o critério histórico também é utilizado para palavras não-latinas, como as vindas do árabe, do alemão ou do inglês, das línguas africanas e das da Índia. Em palavras de origem árabe, usa-se *c* e não *s*, *z* em vez de *s* entre vogais, *j* em vez de *g* e *x* em vez de *ch*, como em *açucena*, *giz*, *laranjeira* e *paxá*. Nas palavras de origem alemã, o *z* das palavras alemãs passa a ser representado pela letra *c*, como em *suíça*, do radical *switz*. Nas palavras de origem inglesa, o *sh* original passa a ser representado pelo *x*, como em *xerife*, do inglês *sheriff*. Nas palavras de origem africana ou da Índia, prefere-se o *x* ao *ch*, como em *xará* e *Xangô*, e o *j* ao *g*, como em *jibóia* e *jiló*.

---

<sup>3</sup> Nem sempre, em Latim, essas letras já representavam o fonema /s/; representavam, no entanto, o fonema ou grupo de fonemas de que o fonema /s/ da palavra portuguesa se origina.

<sup>4</sup> Embora esse não seja o símbolo do alfabeto fonético correspondente ao fonema fricativo palatal do Português de que o texto fala, estamos usando-o na falta de uma fonte que contenha os símbolos do alfabeto fonético.

### 3) Algumas Conseqüências dos Princípios Adotados na Ortografia do Português

Como conseqüência dos princípios adotados na ortografia do Português, existem três tipos de relações entre os sons e as letras: regulares independentemente do contexto; regulares de acordo com o contexto; e arbitrárias (que costumam causar dificuldades para alunos que fazem a hipótese acrofônica). Apresentaremos abaixo, com base em LEMLE [2004], os três tipos de relações, para mostrar como é complexo o nosso sistema ortográfico, e os motivos das dificuldades encontradas pelos alunos para adquiri-lo.

O primeiro tipo de relação entre sons e letras é a regular independentemente do contexto, ou biunívoca, ou seja, aquela em que um fonema é representado por uma mesma letra e uma letra representa um mesmo fonema em qualquer contexto. Este tipo de relação corrobora a idéia do princípio acrofônico, apresentada anteriormente. De acordo com LEMLE [Op. Cit: p.17], este tipo de relação é “*o modelo ideal do sistema alfabético (...), mas essa relação só se realiza em poucos casos*”. As correspondências regulares entre letra e som são: P → /p/; B → /b/; T → /t/; D → /d/; F → /f/; V → /v/; A → /a/; LH → /lh/ e NH → /nh/.

O segundo tipo de relação é a que Lemle chama de regular de acordo com o contexto, e ocorre de duas formas: uma mesma letra representa diferentes sons de acordo com a posição; ou um som é representado por diferentes letras de acordo com a posição. Apresentaremos abaixo, com base na pesquisa de Lemle, dois quadros com esses dois tipos de correspondências

regulares de acordo com a posição<sup>5</sup>:

**i) Da letra para o som:**

<b>Letra</b>	<b>Sons</b>	<b>Posições</b>	<b>Exemplos</b>
S	[s]	Início da palavra	sofá
	[z]	Entre vogais	asa
	[x] (pela chante surda)	Antes de consoante surda ou final de palavra	rosto
	[z] (p/ chi- ante sonora)	Antes de consoante sonora	vesga
M	[m]	Início de sílaba	mola tampa
		Final de sílaba antes de <i>p</i> ou <i>b</i>	
N	[n]	Início de sílaba	nota santo
		Final de sílaba	
L	[l]	Início de sílaba	leite mel
	[u]	Final de sílaba	
E	[e] ou [ɛ]	Não final	cedo, meta come
	[i]	Final de palavra	
O	[o] ou [ó <sup>6</sup> ]	Não final	mofo, toca jogo
	[u]	Final de palavra	

<sup>5</sup> Os quadros de correspondência apresentados registram os sons do falar carioca, especialmente em relação aos falares mais normatizados.

<sup>6</sup> Seria necessário usar uma fonte com os símbolos do alfabeto fonético para representar adequadamente esse som.

**ii) Do som para a letra:**

<b>Som</b>	<b>Letras</b>	<b>Posições</b>	<b>Exemplos</b>
[k]	C QU	Antes de <i>a, o, u</i> Antes de <i>e, i</i>	cada, comida, cuia queijo, quina
[g]	G GU	Antes de <i>a, o, u</i> Antes de <i>e, i</i>	garra, gosma, gume guerra, guincho
o dito r forte <sup>7</sup>	RR R	Entre vogais → Outra posição →	torre morte
[i]	I E	Posição tônica Posição átona	sino pote
[u]	U O L	Posição tônica Posição átona Depois de vogal	mundo modo mil
[ãw]	ÃO AM	Posição tônica Posição átona	chorão choram
[ku]	QU QÜ CU	Antes de <i>a, o</i> Antes de <i>e, i</i> Outras	quarenta, quociente cinquenta, equino curau
[gu]	GÜ GU	Antes de <i>e, i</i> Outras	ungüento, lingüística égua, gula

Pelo fato dessas relações entre som-letra e letra-som serem regulares, os aprendizes, quando devidamente estimulados para isso, conseguem formular hipóteses a respeito das regras ortográficas. Mesmo não querendo centrar a alfabetização na decodificação, o professor pode e deve realizar um trabalho que leve os alunos a perceber essas regularidades, seja de forma sistemática, seja à medida que os erros ocorrem.

No terceiro tipo de relação entre sons e letras, há concorrência, ou seja, mais de uma letra pode representar o mesmo fonema em uma mesma posição. Isso causa dificuldade não apenas ao alfabetizando, mas, em menor grau, ao já alfabetizado. Diz LEMLE [Op. Cit: 23]: “*Esse caso é o mais difícil para a aprendizagem da língua escrita. Aqui, não há qualquer princípio fônico que possa guiar quem escreve na opção entre as letras concorrentes*”. Apresentamos abaixo as relações de concorrência em que mais de uma letra representa o mesmo fonema:

<sup>7</sup> Seria necessário usar uma fonte com os símbolos do alfabeto fonético para representar adequadamente esse som.

Som	Posições	Letras	Exemplos
[s]	Entre vogais antes de <i>a, o, u</i>	SS Ç SÇ	nossa moça nasça
	Entre vogais antes de <i>e, i</i>	SS C SC	passeio acenar descendente
	Precedido por consoante antes de <i>a, o, u</i>	Ç S	calça bolsa
	Precedido por consoante antes de <i>e, i</i>	S C	perseguir percevejo
[z]	Entre vogais	S Z X	asa moleza exército
[x] pela chi- ante surda <sup>8</sup>	Antes de vogal	CH X	chave xale
	Antes de consoante	S X	mescla texto
	Final de palavra	S : Z	freguês matriz
chiente sonora <sup>9</sup>	Início ou meio de palavra antes de <i>e, i</i>	J G	canjica geléia
[u]	Final de sílaba	U L	véu mal
Zero	Início de palavra	zero H	ontem hoje

Podemos perceber que o tipo de relação biunívoca entre som/letra pode dar ao alfabetizando a falsa idéia de que a ortografia é motivada inteiramente pela fonética, ou seja, a relação entre o símbolo e o som é perfeita, pois, uma letra simboliza um som e o som é simbolizado por uma letra. Se a escola só apresenta inicialmente palavras em que ocorrem esse tipo de relação, sob o falso pretexto de que assim seria mais fácil para o alfabetizando, a escrita deste alfabetizando quando ainda não conseguiu dominar esta fase se tornará semelhante a

<sup>8</sup> Seria necessário usar uma fonte com os símbolos do alfabeto fonético para representar adequadamente esse som.

<sup>9</sup> Seria necessário usar uma fonte com os símbolos do alfabeto fonético para representar adequadamente esse som.

uma transcrição fonética da fala, com seus textos apresentando muitos erros ortográficos do tipo que ZORZI [1998] denomina de *apoio na oralidade*.

Nas relações de concorrência, não há motivação fonética para a escolha entre as letras, assim, não são só alfabetizando que apresentam dificuldades na hora de escrever palavras onde existam este tipo de relação, adultos alfabetizados também podem apresentar dúvidas na escrita de palavras não usuais. Diz Simões:

*De vez em quando somos surpreendidos por algum tipo de dúvida gráfica sobre o item léxico não pertencente ao nosso vocabulário usual. Em outras palavras: basta que seja preciso escrever palavra de estrutura gráfica complexa pertencente ao jargão de outro campo profissional, para que sejamos levados ao vocabulário ortográfico ou a um dicionário em busca da grafia correta da palavra problemática. Logo, dificuldade ortográfica não é exclusividade nem pressuposto da alfabetização. SIMÕES [2005: 51]*

Os erros ortográficos típicos deste tipo de relação são os de *representações múltiplas*. Os alunos que apresentam apenas falhas desta ordem são considerados alfabetizados, visto que a aprendizagem desta etapa pode durar a vida toda.

#### **4) Considerações Finais**

Este artigo teve o objetivo de explicitar as características do sistema de escrita alfabético, e se preocupou especialmente em tratar do sistema fonográfico alfabético ortográfico, e de como este é utilizado na língua portuguesa. Em virtude da natureza do sistema ortográfico, não apenas crianças com distúrbios de linguagem apresentam dificuldades na aquisição ortográfica, crianças que não apresentam qualquer tipo de transtorno de ordem fonoaudiológica podem apresentar dúvidas.

É importante diferenciar a criança que está com dificuldade em aprender a ortografia devido a problemas de “ensinagem” e crianças que realmente apresentam algum transtorno de linguagem. Crianças que não apresentam transtorno fonoaudiológico podem apresentar falhas do mesmo tipo que as crianças que apresentam transtorno, a diferença está no grau da dificuldade e na rapidez com que supera a dificuldade quando estimulada.

#### **Bibliografia**

- ABAURRE, M. B. M. Introduzindo a questão dos aspectos lingüísticos da alfabetização. *A-bralin*. 1986.
- CAGLIARI L. C. A respeito de alguns fatos do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças na alfabetização. In: Rojo, R. (Org.). *Alfabetização e Letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

- \_\_\_\_\_. Breve história das letras e dos números. In: Massini-Cagliari, G. & Cagliari, L. C. (Org.). *Diante das Letras – A Escrita na Alfabetização*. Campinas: Mercado das Letras, 2001a.
- \_\_\_\_\_. Sob o signo da ortografia. In: Massini-Cagliari, G. & Cagliari, L. C. (Org.). *Diante das Letras – A Escrita na Alfabetização*. Campinas: Mercado das Letras, 2001b.
- \_\_\_\_\_. O Que É Preciso Para Saber Ler. In: Massini-Cagliari, G. & Cagliari, L. C. (Org.). *Diante das Letras – A Escrita na Alfabetização*. Campinas: Mercado das Letras, 2001c.
- CÂMARA, JR. J. M. *Manual de Expressão Oral e Escrita*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HOUAISS, A; VILLAR, M. S. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Versão 1.0*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (CD-ROM).
- KATO, M.A. *No mundo da Escrita – uma Perspectiva Psicolinguística*. 7ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 2005.
- LEMLE, M. *Guia Teórico do Alfabetizador*. São Paulo: Ática, 2004.
- MASSINI-CAGLIARI, G. “Erros” de ortografia na alfabetização: escrita fonética ou reflexões sobre o próprio sistema de escrita? In: Massini-Cagliari, G., Cagliari (Org). L. C. *Diante das Letras – A Escrita na Alfabetização*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- SIMÕES, D. *Fonologia em Nova Chave. Considerações Sobre a Fala e a Escrita*. 2ª ed. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2005.
- VIEIRA, R. C. A influência da oralidade na produção da escrita de alunos do ensino fundamental de uma escola pública. In: Shepherd, T.M.G., Vasconcellos, Z (Org). *Linguagem: Teoria, Análise e Aplicações (2)*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2006.
- \_\_\_\_\_. O sistema de escrita ortográfico e os problemas para a aquisição de escrita dele decorrentes. *Caderno de Resumos III JEL*. Rio de Janeiro, 2006.
- ZORZI, J.L. *Aprender a Escrever: a Apropriação do Sistema Ortográfico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.